



OS CLÁSSICOS E A IDENTIDADE: OS USOS DO PASSADO NO IHGB (1889-1930)

Doi: 10.4025/8cih.pphuem.3386

Mariana Fujikawa, UFPR

Resumo

O campo de estudos clássicos foi entendido, durante muito tempo, como afastado do presente, mas isso passou a ser revisto, proporcionando outra concepção de como entender a história antiga. Esta abordagem fez com que o reaparecimento dos clássicos em discursos da modernidade fosse questionado, e é nesse viés que se insere essa pesquisa. Assim, procuramos entender os usos do passado clássico no Brasil, analisando como este foi construído pelos intelectuais do Instituto Histórico e Geográfico (IHGB) no período da Primeira República. O objetivo central do trabalho é, assim, compreender como os intelectuais utilizaram o passado greco-romano na criação de uma identidade nacional brasileira. Para isso, nossa metodologia consistiu em procurar onde o passado clássico aparecia nestas publicações. Percebemos que essas menções aos antigos estavam presentes nos discursos feitos pelo presidente do Instituto nas Sessões Magnas Aniversárias. Assim, fizemos a leitura desses discursos. Posteriormente, realizamos um estudo sobre o próprio IHGB, pesquisando quem eram as pessoas que discursavam, e como esses discursos influenciavam na construção de uma identidade brasileira. A partir desse estudo das fontes e das demais leituras, percebemos que os intelectuais do IHGB utilizavam personagens do mundo clássico e frases em latim para buscar construir a nação com ideias de racionalidade, civilização, ciência e progresso. Dessa forma, uma das contribuições dessa pesquisa é a possibilidade de demonstrar a formação de identidade no Brasil republicano e sua relação com o passado clássico.

Palavras Chave:

Intelectuais; antiguidade; identidade; Brasil; República.

Introdução/justificativa

Esse texto é resultado da pesquisa que vem sendo desenvolvida desde 2016, orientada pela Professora Doutora Renata Senna Garraffoni. Num primeiro momento foi parte das atividades desenvolvidas como bolsista no PET-História (Programa de Ensino Tutorial), como pesquisa individual e, atualmente, com nosso desligamento do Programa, sigo como voluntária da Iniciação Científica e faço parte das atividades como bolsista do PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência).

O interesse pelo tema da pesquisa surgiu nas aulas de história antiga I, ministradas na UFPR (Universidade Federal do Paraná). Nessas aulas, foi afirmado que, ao contrário do que eu anteriormente acreditava, há perspectivas que apontaram que o campo de estudo dos clássicos não é afastado do presente. Martin Bernal (1987) foi um expoente disso. Essa nova percepção nos inspirou e, a partir dessa abordagem, passamos a investigar a relação entre a antiguidade clássica e a identidade moderna. Estudamos, assim, o aparecimento de personagens da antiguidade ou até mesmo de frases em latim em discursos no nosso presente.

Essa nova perspectiva, que alguns denominam “Usos do Passado” tem foco abrangente, com diversas temporalidades e localidades. Essa perspectiva tem se desenvolvido nas últimas décadas, mais recentemente, Hingley (2010), por exemplo, realizou uma série de estudos sobre como os romanos apareceram nos discursos de poder do Imperialismo Britânico do final do século XIX e Início do XX. No âmbito brasileiro, Silva (2010) tem sido um expoente nesses estudos, embora o foco dos trabalhos seja após 1930, a partir da criação das universidades.

Logo, ressalta-se a importância e a justificativa da pesquisa, pois ela possui

um aspecto original no que se relaciona ao fato de tratarmos de usos do passado clássico nas revistas do IHGB entre 1889 e 1930, algo não antes realizado. Para a realização dessa pesquisa nos perguntamos, então, qual a relação que foi constituída com o mundo greco-romano pelos intelectuais do Instituto. Assim, nos questionamos se havia a aparição de frases em grego ou latim ou de personagens do mundo clássico nas revistas do Instituto e, também, se tal presença estaria relacionada com a ideia dos intelectuais do período em construir uma perspectiva do que seria a nação brasileira.

Dessa forma, procuramos estruturar essa reflexão em alguns momentos: primeiramente apresentaremos os objetivos de nossa pesquisa. Em seguida, demonstraremos a análise das fontes e da bibliografia, apresentando uma discussão sobre a constituição do estudo sobre os usos do passado no Brasil, aspectos sobre o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, bem como nossas opções teóricas em relação à historiografia. A partir disso, mostraremos os resultados aos quais chegamos, apresentando, na conclusão, as nossas considerações sobre a pesquisa.

Objetivos

A partir do exposto, nossa pesquisa visa analisar, de maneira geral, como o passado clássico foi utilizado pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro no período entre 1889 e 1930. Mais especificamente, o objetivo é compreender quem eram os intelectuais do Instituto nesse período e qual era o público para o qual se destinavam ao mencionar as referências aos antigos gregos e romanos. Para tanto, ao longo desse início de pesquisa focamos nas menções aos clássicos nas Sessões Magnas Aniversárias do IHGB, por serem mais recorrentes. Por fim, visamos entender o papel do passado greco-

romano na criação de uma identidade coletiva brasileira e a circulação dessas ideias nos meios ilustrados do país.

Resultados

O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro foi fundado em 1838 como uma entidade de fomento à pesquisa histórico geográfica, de ciências sociais e culturais. Como afirma Gomes (2009) os membros do IHGB eram intelectuais, e que possuíam prestígio na sociedade. Ser um membro do Instituto era algo honroso, e os membros eram vistos como seletos. Assim, as pessoas que discursavam no IHGB e relacionavam o presente com o passado clássico eram pessoas que exerciam o poder, e possuíam influência na elite brasileira. A partir desse livro, nos perguntamos se o fato de que as pessoas do IHGB serem grandes personalidades influenciava na visão do passado que eles possuíam.

Para a divulgação das atividades e pesquisas desses membros, havia a publicação trimestral da revista do Instituto. Essa revista do IHGB circulava regularmente desde 1839, e o último volume de cada ano era destinado ao registro da vida acadêmica do Instituto e de suas atividades institucionais. Assim, para a realização dessa pesquisa foram lidas essas revistas, focando no período de 1889 a 1930. Foram publicados nesse período oitenta e quatro volumes, porém foram utilizadas somente 41 revistas, pois as outras não mencionavam o passado clássico. O foco da pesquisa mantém o recorte nas Sessões Magnas de Aniversário.

Ao desenvolver a pesquisa, então, chamou-nos atenção o fato de que autores ou nomes importantes dos antigos gregos e romanos. Coelho (1981), estudando esse Instituto, ressaltou a importância dada pelo IHGB - no século XIX - às grandes personalidades, aos grandes homens. Isso fez com pensássemos, em nossa pesquisa -

considerando que utilizamos a mesma fonte - se haveria uma busca do Instituto por estabelecer um paralelo entre grandes homens do passado greco-romano e grandes homens do presente. Além disso, havia diversas frases escritas na língua latina, que apareciam de forma frequente nesses discursos comemorativos de aniversário das revistas do IHGB. Um bom exemplo disso é o discurso proclamado pelo presidente do Instituto - o Sr. Conselheiro O. H. d' Aquino e Castro - que na Sessão Magna Aniversária de 1895 afirmou:

“E as glórias que refulgem na história, que caracterizam uma época, que imortalizam um nome, como o de Péricles, em Atenas, de Augusto, em Roma [...] são somente as que cabem aos sábios, aos estadistas, [...] honrando a pátria que com tais filhos se engrandece.”

Nesse trecho percebemos que o presidente do Instituto considerava que personagens clássicos são capazes de representar toda uma época. Vemos, então, a importância dada aos grandes personagens. Para o autor, quem deve honrar as pátrias são os grandes sábios. Se o trecho anterior menciona Péricles e Augusto quase que na sequência, outro exemplo frequente é a presença de muitas frases escritas na língua latina sem atribuição de autoria ou tradução, mas somente uma vaga referência “como dizia o filósofo”, seguida da citação em latim. O Sr. Aquino e Castro, em um discurso de 1898, afirmou:

“O grande empenho do homem na sociedade, dizia o épico latino, deve se deixar com a vida honrosa a memória de seus nobres feitos: forman extendere factis hoe virtulis opus.”

Esse trecho demonstra como os clássicos eram utilizados sem referências de quem eram ou sem traduções das frases que diziam. Nesse caso, o autor afirma que o homem é memorizado pelos

grandes feitos que fez. Essa frase é de Virgílio, e significa “permanença, pois se a vontade é nobre, o resultado virá”, porém Castro não cita nem a autoria nem a tradução. Outro aspecto é o de que essas menções aos clássicos apareciam constantemente relacionados a discursos de evolução da nação brasileira.

Há outras nações que também são atreladas as ideias de progresso do Brasil. Callari (2001) afirma, também, a influência da Europa no pensamento dos intelectuais. Uma das maiores referências intelectuais dos membros do Instituto era Alexandre Herculano, o que faz com que o IHGB desenvolva um conceito de civilização muito atrelado também à Europa. Além disso, é possível notar como o positivismo comteano, a história historicista ou o iluminismo foi sendo costurado com referências diretas aos antigos gregos e romanos na mentalidade intelectual do século XIX e XX brasileiro. Esse tipo de construção discursiva nos levou a estudar com cuidado como esses intelectuais entendem a História. Nesse contexto havia uma preocupação em afirmar a história como verdade, pois assim ela seria um instrumento legítimo na construção de uma identidade nacional. Essa noção de história pode ser percebida a partir de um trecho dito pelo presidente Aquino e Castro, que em 1901 apresenta que “ao estudo da ciência e na apreciação dos fatos nos ensinam a descobrir a verdade”.

Ainda assim, é importante ressaltar que o Brasil foi influenciado intelectualmente por outros países. Ricardo del Molino Garcia (2010), ao trazer reflexões sobre a questão da criação da nacionalidade Colombiana, fez com que nos inspirássemos a olhar não somente a Europa, mas também a América Latina.

Assim, percebemos uma circularidade de ideias. Um exemplo dado em relação à circularidade entre o IHGB e o restante da América Latina pode ser percebido no discurso do orador Max

Fleiss que, na Sessão Magna Aniversária de 1914, está de luto pela morte de um membro do Instituto, que era argentino. Sobre este, o orador afirma:

“Percorrendo a galeria de consócios estrangeiros ilustres, chegamos à plêiade brilhante de Argentinos, cuja perda a nossa prezada ermã do Prata deplora com justíssima razão. O dr. Afonso Carranza, admittido em nosso grêmio a 30 de Agosto de 1913 e fallecido a 15 de Agosto de 1914, era um devotado cultor da História, e sua pátria deve-lhe neste particular excelentes serviços.”

Este trecho demonstra que os brasileiros se relacionavam com os argentinos do período, e que inclusive eles eram membros do Instituto. Esses membros eram, como podemos perceber, aclamados e, a partir da frase “plêiade brilhante de Argentinos”, percebemos que não havia somente um membro argentino do IHGB, e sim vários. Ainda que os pensadores do Instituto recebessem diversas influências europeias e latino-americanas, afirmamos que as criações históricas e identitárias do IHGB, assim como a forma de pensar a nação brasileira, não foram meras cópias das ideias estrangeiras, possuindo seu grau de particularidade. Essa particularidade se dá porque os intelectuais adequam as ideias para seu contexto. Apesar de considerarem a Europa como um grande modelo, eles não valorizavam somente intelectuais desse local, apreciando, também, seus membros nacionais. Além disso, eles englobam diversas concepções históricas exteriores, como a questão da história mestra da vida e a história progressista, e adequam para sua realidade, fazendo com que essas visões históricas não se excluam.

A partir dessas noções, percebemos também que a maneira que os intelectuais viam a história não era única. Guimarães (1988), ao discutir essa questão, chama atenção para duas ideias

de história presente no Instituto, uma atrelada a ideia de ser a mestra da vida, chamada de concepção clássica, que afirmava que se aprendia com os erros do passado e que os grandes sucessos e os grandes homens e feitos deviam servir como exemplo; e a outra atrelada a ideia de um contínuo progresso, chamada de concepção moderna, em que a história seria uma marcha, uma linha ininterrupta feita de diversos capítulos. A partir dessas premissas, Guimarães analisa as ideias que, posteriormente, os membros do IHGB tiveram da República: ela seria mais um capítulo, a continuação da história do Brasil, da linha ininterrupta de acontecimentos brasileiros que rumavam ao progresso e à civilização. A partir dessas concepções de história, nos indagamos como o Instituto atrelava e conciliava diferentes concepções de história.

Assim, a partir do ideal de história mestra da vida concebido pelo Instituto, percebemos como este focava em histórias de grandes homens, e a aparição dos personagens gregos e romanos muitas vezes era recorrente como um paralelo entre homens exemplares do passado e grandes homens do presente.

Um homem considerado grandioso pelo Instituto era o antigo Imperador, Dom Pedro II. Além de ser o antigo protetor do Instituto, era ele também quem financiava grande parte das publicações, viagens e ações do IHGB. É importante ressaltar que no período imperial, o Instituto também mencionava os clássicos para tentar construir uma ideia de coesão nacional. O livro de Schwarcz (1998), nesse sentido, ressaltou como era uma preocupação de D. Pedro II criar uma identidade brasileira, e como isso se refletiu na criação e no pensamento sobre o que seria o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Percebemos isso a partir da Sessão Magna Aniversária de 1879, em que o presidente do Instituto, Sr.

Visconde de Sapucahy, afirma:

“Péricles em Athenas, Augusto em Roma, Luis XIV na França [...] e tantos outros não se distinguiram mais com a coroa [...], mas Vossa Majestade Imperial eclypsa todas essas glórias”.

Esse trecho demonstra como o imperador era aclamado por membros do IHGB, sendo considerado mais importante e influente do que personagens icônicos como Péricles, Augusto e Luis XIV. Nesse sentido, tanto no Império, quanto na República, comparam-se os homens do passado antigo e os homens do presente. Porém, apesar dessas semelhanças, há diferenças entre esses dois períodos. No império, o IHGB não afirmava ser uma instituição neutra, e afirmava que o imperador seria uma pessoa influente, como visto no trecho acima.

Porém, com a proclamação da República, o Instituto, amparado pelo discurso científico, passou a adotar um discurso de neutralidade frente à política, mas com as continuadas alterações na política, o IHGB percebe que a Monarquia não seria restaurada e seria, então, necessário se adequar aos novos tempos. Assim, posteriormente passa a apoiar o regime republicano, inclusive nomeando Deodoro da Fonseca como o presidente honorário do IHGB. Apesar disso, muitos intelectuais do Instituto não viam o antigo imperador D. Pedro II de forma negativa. Ainda assim, a posição dos intelectuais na República não podia ser de apoio a um imperador. Para contornar isso, os intelectuais afirmavam e louvavam D. Pedro II não como o antigo imperador do Brasil, mas como um grande intelectual. Assim, houve uma busca – pelo IHGB – de manter uma postura de consenso, de harmonia, buscando evitar conflitos.

Considerações finais

A partir do estudo das fontes e

da bibliografia nesse início de pesquisa, percebemos que os intelectuais do IHGB utilizavam os gregos e os romanos buscando legitimar o discurso científico e em especial a ideia de progresso e evolução da nação brasileira. Além disso, o regime republicano da Primeira República (1889-1930), não foi aceito inicialmente pelos intelectuais e membros do Instituto. Pelo contrário, havia um forte saudosismo da figura do antigo imperador, D. Pedro II. Porém, os membros do IHGB perceberam que a República iria permanecer e, a partir disso, passam a aceitar esse regime e, para continuarem louvando D. Pedro II, afirmam que este é não um imperador, mas um grande pensador. Isso permite que, ao mesmo tempo em o IHGB passa a ver a República como algo positivo, D. Pedro II não é visto como uma pessoa de um passado atrasado intelectualmente. A partir disso, percebemos como o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro adequava-se e transformava-se, porém, sem negar o seu passado. Concluimos, assim, inspirados a partir das análises de Guimarães (1988) que os intelectuais do IHGB conseguiam aglomerar seu passado e o presente, apagando os conflitos e as diferenças e transformando seus discursos em falas conciliadoras e harmoniosas, evitando discordâncias e divergências. Isso pode ser também percebido porque, com a proclamação da República, o IHGB não se opôs a esse novo regime, e sim passou a se afirmar como um lugar neutro, de realização da ciência (que supostamente seria imparcial), e apolítico.

Trabalhamos na perspectiva que a neutralidade é questionável e isso permitiu uma análise não só das percepções de história que o IHGB estava construindo, mas também as narrativas políticas e relações de poder. Os antigos gregos e romanos, desta maneira, são um dos elementos constituintes desses discursos do Instituto. São referenciados como pessoas influentes, importantes, gloriosas

e, por isso, há a criação de paralelos entre as pessoas consideradas como grandiosas do presente, e os “heróis” do passado. Esses paralelos buscavam mostrar que no Brasil havia progresso, modernização, e o IHGB visava, ao fazer essa construção, formar um elemento de coesão entre os brasileiros. Para realizar esse ideal de evolução, os intelectuais lutavam contra o atraso econômico, político e intelectual que acreditavam existir. Ainda que esse discurso poderia não ser arquitetado para utilizar o passado para legitimar o presente, ele era realizado como uma ideia de projeto de nação e futuro para este país.

Para isso, o Instituto se colocava, nos discursos e nas Sessões Magnas de Aniversário, como um local iluminado, que persistia contribuindo para o progresso da nação brasileira. Nesse contexto, a busca por um estatuto de verdade era essencial para a legitimação das ideias por eles apresentadas, e a história era vista como ciência neutra. Os escritores da revista do IHGB acompanhavam esse mesmo pensamento, e se afirmavam como imparciais. Dessa forma, por existirem frases em que o autor não é citado e por muitas dessas frases estarem na língua latina, percebemos que a população letrada desse período possuía uma formação para entender quem eram os autores e entendia a língua latina. E, partir desse conhecimento da considerada como gloriosa antiguidade clássica, essa mesma população buscava uma coesão de todo o Brasil.

Percebemos, assim, que a busca por afirmar paralelos de “heróis” da antiguidade clássica e supostos grandes homens da atualidade era a de criar um passado coletivo brasileiro, para que fosse construída uma identidade nacional. Além disso, a busca por membros do Instituto era no âmbito nacional, e não local, para que a ideia de uma nação coesa e única fosse reforçada, assim como reforçaria a busca por uma

nacionalidade e uma identidade brasileira, e não regional.

Essa identidade nacional seria forjada a partir da história de pessoas consideradas como exemplares, pois havia a ideia de que a história era mestra da vida, e deveria mostrar o que falhou e o que foi bem-sucedido para que se aprendessem com os erros e acertos. Forjada, também, a partir da ideia de uma nação que sempre está progredindo rumo a uma civilização.

Uma civilização que possuía a Europa como um modelo. Ainda assim, esse não era o único exemplo a ser seguido, pois a América Latina, após a proclamação da república brasileira, se aproximou ao Brasil. Concluímos, assim, que os intelectuais dialogavam entre si, e que existia uma circularidade de ideias. Os membros do IHGB liam autores portugueses, espanhóis, argentinos, mas é importante ressaltar que os intelectuais do IHGB não simplesmente copiavam as ideias vindas de fora, mas as readequavam para as realidades dessa nação.

A partir disso, ressaltamos que uma das contribuições dessa pesquisa é a possibilidade de demonstrarmos que houve uma tentativa de formação de identidade brasileira na Primeira República, sendo que essa identidade seria construída a partir de ideais do passado clássico e do ideal de progresso. O aspecto dos usos do passado nessa análise sobre a criação da identidade nacional brasileira faz com que tenhamos, assim, outra perspectiva de estudar os intelectuais e a própria instituição do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, possibilitando assim uma nova

visão do período da Primeira República e dos estudos clássicos no âmbito brasileiro.

Referências

BERNAL, Martin. Black Athena. **The Afroasiatic Roots of Classical Civilization (The Fabrication of Ancient Greece 1785-1985, Volume 1)**. New Brunswick: Rutgers University Press, 1987.

CALLARI, Cláudia Regina. Os Institutos Históricos: do Patronato de D. Pedro II à construção do Tiradentes. In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 21, nº 40, p. 59-83. 2001.

COELHO, Geraldo Mártires. **História e Ideologia: o IHGB e a República: 1889-1891**. Belém: [s.n.], 1981.

GARCIA, Ricardo Del Molino. “Nosotros, los Clasicos: la Antigüedad Grecorromana em la Primera República Colombiana. In: **La Independencia de Colombia (1780-1830)**. Bogotá: Universidad del Rosario, 2010, p. 213-225.

GOMES, Angela de Castro. **A República, a História e o IHGB**. Belo Horizonte: MG, Argumentvm, 2009.

GUIMARÃES, Manoel Luis Lima Salgado. Nação e Civilização nos Trópicos. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 1, p. 5-27, 1988.

HINGLEY, Richard. “O legado de Roma”. In: **O Imperialismo Romano: Novas Perspectivas a Partir da Bretanha**. São Paulo: Annablume, 2010.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **As Barbas do Imperador: D. Pedro II, um Monarca nos Trópicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

Fontes

Revistas do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, números 42, 58, 61, 64, 77.